**Relação mulheres e natureza nos interstícios da Educação
Ambiental: estratégia para a crise sócio-ecológica-ambiental na
atualidade**

*Relaciones mujeres y naturaleza en los intersticios de la Educación
Ambiental: estrategia para la crisis socio-ecológica-ambiental en la
actualidad*

Juliana Corrêa Pereira Schlee¹

Dárcia Amaro Ávila²

Paula Corrêa Henning³

Resumo

Como educadoras-pesquisadoras ambientais assumimos um compromisso ético e político, nos provocando a pensar sobre o campo de saber da Educação Ambiental como uma possibilidade de criarmos outras formas de pensar e problematizar verdades e certezas que atravessam a relação das mulheres com a natureza, que tomam como natural na seara da Educação Ambiental e fundamental para o enfrentamento da crise sócio-ecológica-ambiental. Para alcançar o objetivo proposto nesta pesquisa vamos percorrer alguns acontecimentos discursivos que entrelaçam mulheres e natureza, através das teorizações de Michel Foucault entendemos que os acontecimentos discursivos são eventos importantes, traçados históricos que são tomados como discursos, assim pinçamos da história a Primeira Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano (Estocolmo, 1972); a Conferência Intergovernamental sobre Educação Ambiental (Tbilisi, 1977), que destacam a relação do homem para solução dos problemas ambientais pautados na racionalidade científica e os eventos da Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento e Meio Ambiente (Rio de Janeiro, 1992) e a IV Conferência das Nações Unidas sobre a Mulher (Pequim, 1995) que posiciona as mulheres em destaque, convocando-as para proteção e cuidado do planeta. Nessa direção, utilizamos as contribuições de estudos de gênero e meio ambiente a fim de mostrar o quanto estes modos de pensar, valorizar e conceituar a relação mulheres e natureza vem se constituindo e se modificando pela história e cultura. Além disso, visibilizar as aproximações com a educação ambiental nos possibilita problematizarmos e (re)inventarmos novos modos de nos relacionar com a natureza na atualidade.

Palavras-Chave: Acontecimentos, Educação Ambiental, Gênero, Mulheres, Natureza.

¹ Mestranda do Programa de Educação Ambiental pela Universidade Federal do Rio Grande - FURG/CAPES. Integrante do Grupo de Estudos em Educação, Cultura, Ambiente e Filosofia - GEECAF/ FURG, Rio Grande, Rio Grande do Sul, Brasil, julianaschlee@gmail.com.

² Doutoranda do Programa de Educação Ambiental (PPGEA, FURG) e participante dos grupos de pesquisa Sexualidade e Escola e Grupo de Estudos em Educação, Cultura, Ambiente e Filosofia – GEECAF/FURG, Rio Grande, Rio Grande do Sul, Brasil, darciaamaroavila@gmail.com.

³ Doutora em Educação, Professora dos Programas de Pós-graduação em Educação e Ciência e Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, Rio Grande do Sul, Brasil, paula.c.henning@gmail.com.

Resumen

Como educadoras-investigadoras ambientales asumimos un compromiso ético y político, provocándonos a pensar sobre el campo de saber de la Educación Ambiental como una posibilidad de crear otras formas de pensar y problematizar verdades y certezas que atraviesan la relación de las mujeres con la naturaleza, que toman como natural en la mina de la Educación Ambiental y fundamental para el enfrentamiento de la crisis socio-ecológica-ambiental. Para alcanzar el objetivo propuesto en esta investigación vamos a recorrer algunos acontecimientos discursivos que entrelazan mujeres y naturaleza, a través de las teorizaciones de Michel Foucault entendemos que los acontecimientos discursivos son eventos importantes, trazados históricos que son tomados como discursos, así sacamos de la historia la Primera Conferencia de las Naciones Unidas sobre el Medio Ambiente Humano (Estocolmo, 1972); la Conferencia Intergubernamental sobre Educación Ambiental (Tbilisi, 1977), que destacan la relación del hombre para solución de los problemas ambientales pautados en la racionalidad científica y los eventos de la Conferencia de las Naciones Unidas sobre Desarrollo y Medio Ambiente (Rio de Janeiro, 1992) y la IV Conferencia de las Naciones Unidas sobre la Mujer (Pequín, 1995) que posiciona a las mujeres en destaque, convocándolas para la protección y cuidado del planeta. En esa dirección, utilizamos las contribuciones de estudios de género y medio ambiente a fin de mostrar lo cuanto estos modos de pensar, valorar y conceptuar la relación mujeres y naturaleza viene constituyéndose y modificándose por la historia y cultura. Además, visibilizar las aproximaciones con la educación ambiental nos posibilita problematizar y (re)inventar nuevos modos de relacionarnos con la naturaleza en la actualidad.

Palabras claves: Acontecimientos, Educación Ambiental, Género, Mujeres, Naturaleza.

1. Introdução e ferramentas metodológicas

O modo de constituir-se como mulheres e como natureza é atravessado pelos discursos, enunciações e acontecimentos que modelam, controlam e regulam e são regulados por nós, sujeitos desse tempo. Como educadoras-pesquisadoras ambientais assumimos um compromisso ético e político, nos provocando a pensar sobre o campo de saber da Educação Ambiental como uma possibilidade de criarmos outras formas de pensar e problematizar verdades e certezas que atravessam a relação das mulheres com a natureza, que tomam como natural na seara da Educação Ambiental e fundamental para o enfrentamento da crise sócio-ecológica-ambiental. Nesta perspectiva buscamos algumas autoras, Joan Scott (1995), Dagmar Meyer (2004), Castro e Abromovay (2005), Garcia (1992) para nos auxiliar na compreensão do conceito de Gênero, entendendo-o como uma construção social, cultural que diferenciam mulheres de homens, produzindo seus corpos, distinguindo-os, nomeando-os como corpos dotados de sexo, gênero e sexualidade e mais, como produto e efeito das relações de poder.

Dagmar Meyer (2004) propõe o conceito de gênero como uma ferramenta teórica e política para problematizar os processos que instituem modos de ser mulheres e homens e que sustentam desigualdades sociais. Partindo desta premissa, temos como objetivo problematizar e pensar sobre como as relações mulheres e natureza se constituem nos interstícios da Educação Ambiental. Para alcançar o objetivo proposto nesta pesquisa vamos percorrer alguns acontecimentos discursivos que entrelaçam mulheres e natureza, através das teorizações de Michel Foucault, entendemos que os acontecimentos discursivos são eventos importantes, traçados históricos que são tomados como discursos, como algo que irrompe num certo tempo e lugar.

2. Nos interstícios da Educação Ambiental

Nos anos 60/70 do século XX, o movimento feminista se constituiu e se fortaleceu no contexto da pós-segunda Guerra Mundial, em que questionamentos e debates eram desencadeados num clima de contestação política e intelectual, principalmente ao modelo de

desenvolvimento concebido como um projeto ocidental moderno e que não trouxe a melhoria prometida, ao contrário, contribuiu para o crescimento da pobreza, para um aumento das desigualdades e para a degradação ambiental.

Nesta trama podemos observar que o movimento feminista e outros movimentos sociais e políticos, assim como o movimento ambientalista emergem num contexto histórico e cultural. Assim, neste momento apresentamos alguns acontecimentos discursivos que dão visibilidade, condições de emergência para que as relações mulheres e natureza se constituam nos interstícios da Educação Ambiental, assim buscamos compreender os traçados históricos que fabricam discursos. O que nos interessa aqui é ver como a Educação Ambiental vem sendo amarrada a partir de diferentes conferências internacionais e atrelado a um discurso de Gênero, dando maior visibilidade para as mulheres convocando-as à proteção ambiental a nível global. Ao analisar os programas globais das Nações Unidas para o Desenvolvimento – PNUD e União Internacional de Conservação da Natureza – UICN, conforme pesquisa realizada por Ávila, Ribeiro e Henning (2016), destaca a operação do gênero como dispositivo que, articulado aos dispositivos de Sustentabilidade e da Educação Ambiental, procura gerir a população para se alcançar o desenvolvimento sustentável, ou seja, nesta agenda global o gênero vem enunciando e constituindo as mulheres na gestão do planeta para um melhor desenvolvimento no século XXI.

Dentro do debate ambiental porque examinar a questão de gênero e natureza? Qual a relação entre a mulher e a natureza? Ela é diferente entre a relação homem/natureza? Questões que Garcia (1992) traz que nos faz pensar nos modos como nos constituímos como natureza e como mulher, e o quanto esses discursos são fabricados na cultura que, atrelados por relações de poder, fazem emergir verdades e saberes, dados como naturais.

Isabel Carvalho (2012) nos provoca a repensar nosso olhar sobre as relações entre a sociedade e a natureza, isso significa “desnaturalizar” os modos de ver que tínhamos como óbvios, questionando conceitos já estabilizados em muitos campos da experiência humana. Através da nossa experiência histórica, em que somos marcadas pela história, podemos reinventar novas maneiras de ser e estar no mundo. A crise ambiental gerada e potencializada pela cultura ocidental, hoje dominante enquanto modelo cultural consolidado no planeta, as formas de nos relacionarmos com o mundo se estabelecem através do paradigma científico. Atrelado a este discurso científico, a Organização das Nações Unidas (ONU) realizou a Primeira Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano, em Estocolmo (Suécia), em junho de 1972. Nesta conferência, as relações humanas com a natureza são pautadas pelo paradigma científico em que posiciona o homem como indivíduo humano, como centro, protagonista tanto na destruição do planeta quanto na solução científica dos problemas ambientais, em uma visão antropocêntrica⁴, ele é obra e criador do ambiente:

O homem é ao mesmo tempo obra e construtor do meio ambiente que o cerca, o qual lhe dá sustento material e lhe oferece oportunidade para desenvolver-se intelectual, moral, social e espiritualmente. Em larga e tortuosa evolução da raça humana neste planeta chegou-se a uma etapa em que, graças à rápida aceleração da ciência e da tecnologia, o homem adquiriu o poder de transformar, de inúmeras maneiras e em uma escala sem precedentes, tudo que o cerca. Os dois aspectos do meio ambiente humano, o natural e o artificial, são essenciais para o bem-estar do homem e para o gozo dos direitos humanos fundamentais, inclusive o direito à vida mesma. (CONFERÊNCIA, 1972).

⁴ Visão antropocêntrica é a visão em que situa o ser humano como centro do universo e sobre a crença de que o progresso humano era medido por sua capacidade de dominar e submeter a natureza.

A partir da Conferência Intergovernamental sobre Educação Ambiental, em Tbilisi (1977), foi possível definir a Educação Ambiental, assim como seus objetivos, princípios e estratégias que até hoje são adotados em todo o mundo. A Educação Ambiental está inserida em uma trama muito maior que ela própria, e apresenta-se como possibilidade de olhar, perceber e compreender as relações de interdependências estabelecidas entre nós e a natureza, objetivo presente desde a primeira Conferência de Tbilisi (1977):

[...] lograr que os indivíduos e a coletividade *compreendam a natureza complexa do meio ambiente natural e do meio ambiente criado pelo homem, resultante da integração de seus aspectos biológicos, físicos, sociais, econômicos e culturais*, e adquiram os conhecimentos, os valores, os comportamentos e as habilidades práticas para participar responsável e eficazmente da prevenção e solução dos problemas ambientais, e da gestão da questão da qualidade do meio ambiente (CONFERÊNCIA, 1977) [grifo nosso].

Na Conferência de Tbilisi, em uma visão socioambiental, compreende-se que as relações humanas com a natureza são resultantes de uma integração de vários aspectos biológicos, físicos, sociais, econômicos e culturais, o que traz um grande desafio para o campo da Educação Ambiental. A participação de todos na resolução dos problemas ambientais globais presente nas categorias de objetivos na Conferência de Tbilisi (1977) possibilita que os movimentos sociais, inclusive movimentos feministas, se aproximassem da Educação Ambiental. Mas, foi a partir de 1992, que houve maior participação das mulheres nas conferências mundiais, especialmente na conhecida Eco-92, com contribuições para a Agenda 21 da ONU (capítulo 24), a Agenda 21 de Ação das Mulheres por um Planeta Saudável e pela Paz (Fórum Global, Eco-92, revisada em Johannesburgo, 2002) e a IV Conferência das Nações Unidas sobre Mulher, Desenvolvimento e Paz (Pequim, 1995). Esses instrumentos colaboraram no sentido de provocar a mobilização para a reflexão e construção de atitudes de mulheres e homens em relação à crise ambiental, incorporando o Gênero nas decisões relacionadas com o ambiente internacional, nacional e local (BRAIDOTTI, CHARKIEWICZ, HAUSLER, WIERINGA, 1994).

A Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento e Meio Ambiente, realizada no Rio de Janeiro, em 1992, a ECO-92, teve como resultado dessa mobilização a Plataforma de Ação do Desenvolvimento Sustentável – Agenda 21 e mais especificamente o capítulo 24 que reúne um conjunto de recomendações, mecanismos e metas para integrar as mulheres e a questão de gênero em todos os níveis de governo e nas ações da Organização das Nações Unidas (CASTRO; ABRAMOVAY, 2005). Conforme o capítulo 24, intitulado “Ação Mundial pela Mulher, com vistas a um Desenvolvimento Sustentável e Equitativo” tem como base para a ação:

24.1. A comunidade internacional endossou vários planos de ação e convenções para a integração plena, equitativa e benéfica da mulher em todas as atividades relativas ao desenvolvimento, em particular, as Estratégias Prospectivas de Nairóbi para o Progresso da Mulher^{1/}, que enfatizam a participação da mulher no manejo nacional e internacional dos ecossistemas e no controle da degradação ambiental (...) (CONFERÊNCIA, 1992) [grifo nosso].

Neste capítulo da Agenda 21, as mulheres são fundamentais no manejo e no controle de degradação ambiental, numa estrita relação mulheres e natureza. Não é de hoje que as mulheres são relacionadas às questões que envolvem a natureza em uma relação de proximidade. Se atentarmos para a literatura ecofeminista, por exemplo, teremos algumas

discussões sobre a relação de contribuição das mulheres com as questões ambientais. Gaia, a mãe terra. Deusas da natureza como ninfas - das florestas, das águas, das flores, da terra -, para citar algumas, representam uma relação próxima das mulheres com a natureza. Nas mitologias Vikings e Celtas, bem como a literatura Wicca também podemos perceber uma relação próxima e que cultuavam a natureza (ANGELIN, 2014). Assim, a proximidade das mulheres com os elementos, recursos e manejos com a natureza é histórica e cultural. Como foco de investimentos para as questões ambientais tomamos o movimento das mulheres na ECO-92 como condições de possibilidade para emergência da relação mulheres e natureza nos interstícios da Educação Ambiental.

Mas foi a partir IV Conferência das Nações Unidas sobre a Mulher (Pequim, 1995) promovendo os objetivos de igualdade de gênero, desenvolvimento e paz para todas as mulheres do mundo. Conforme a Declaração desta conferência se faz necessário um desenvolvimento social equitativo que reconheça que dar aos pobres, em particular às mulheres que vivem na pobreza, a possibilidade de utilizar os recursos ambientais de maneira sustentável (Item 36, CONFERÊNCIA, 1995). Assim justificamos a escolha deste evento internacional como um acontecimento discursivo, um marco histórico que reconhece que para criar um novo paradigma de desenvolvimento é fundamental que se integre a preservação ambiental com a justiça e igualdade de Gênero. Segundo a Plataforma de Ação quanto aos objetivos estratégicos e medidas, no item “A Mulher e o Meio Ambiente” que se baseia no capítulo 24 da Agenda 21 visto anteriormente:

248. Mediante a gestão e o uso dos recursos naturais, as mulheres dão sustentação à família e à comunidade. Como consumidoras, produtoras, educadoras e responsáveis pelo cuidado de suas famílias, as mulheres desempenham importante papel na promoção do desenvolvimento sustentável, pela sua preocupação com a qualidade e a sustentabilidade da vida para as gerações atuais e futuras. Os governos têm manifestado sua intenção de estabelecer um novo paradigma de desenvolvimento, capaz de integrar a preservação do meio ambiente com a justiça e a igualdade de gênero, dentro de uma mesma geração e entre distintas gerações, como está expresso no capítulo 24 da Agenda 21 (CONFERÊNCIA, 1995).

Na seara da Educação Ambiental, o conceito de Gênero traz visibilidade para as mulheres, posicionando-as como protagonistas para um futuro sustentável do Planeta, observamos que na Eco-92 aparece as questões das mulheres com o meio ambiente e depois as próximas conferências começam a abordar gênero e meio ambiente, ou melhor, gênero e desenvolvimento sustentável. Além disso, o Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global, fruto dos debates, disputas e lutas que perpassam as conferências ambientais apontam para a dimensão de gênero como parte do processo educativo para uma sociedade sustentável. Assim, podemos notar as rachaduras que o gênero provocou na Educação Ambiental, que considerava o homem como representação da humanidade. Nos princípios do tratado é destacado a co-responsabilidade dos gêneros na produção, reprodução e manutenção da vida. Além disso, enfatiza que a Educação Ambiental deve promover o diálogo e a cooperação a fim de criar novos modos de vida sem distinção de gênero e intersecções de raça, idade, classe, religião, etc.

3. Algumas considerações

Num contexto histórico e cultural, em uma construção mútua dos movimentos feministas e ambientalistas, em diversas instâncias governamentais e não governamentais, se tornou em posição de destaque a relação das mulheres com a natureza na seara da Educação

Ambiental. Se num dado momento histórico temos o homem como centro da resolução dos problemas ambientais pautado pela racionalidade científica, agora nesta nova trama, em um momento de crise mundial convoca-se as mulheres para proteção e cuidado do planeta, mesmo que isso seja visibilizado pelo gênero. O que nos interessa aqui, não é destacar o certo e o errado nas nossas relações com a natureza, mas evidenciar as construções históricas e culturais que constituem esta relação. E principalmente mostrar o quanto estes modos de pensar, valorizar e se relacionar com a natureza vêm se constituindo e se modificando pela história e cultura, com o intuito de problematizarmos e (re)inventarmos novos modos de nos relacionar com a natureza na atualidade.

Referências

ANGELIN, R. Mulheres, ecofeminismo e desenvolvimento sustentável diante das perspectivas de redistribuição e reconhecimento de gênero. Itajaí: *Estamos preparados? Rev Eletr. Direito e Política*. UNIVALI, v.9, nº 3, p. 1569-1597, 2014.

ÁVILA, D. A. RIBEIRO, P.R.C. E HENNING, P.C. “O Gênero é fundamental para o desenvolvimento sustentável”: reflexões sobre a operação de dispositivos em programas globais e seus efeitos para a Educação Ambiental. Rio Grande: *REMEA*, Ed. Especial, p.95-119, julho/2016.

BRAIDOTTI, Rosi; CHARKIEWICZ, Ewa; HAUSLER, Sabine; WIERINGA, Saskia. *Mulher, ambiente e desenvolvimento sustentável. Para uma síntese teórica*. São Paulo: Instituto Piaget, 1994.

CASTRO, M.G.; ABRAMOPVAY, M. *Gênero e Meio Ambiente*. São Paulo: Cortez Editora, 2ªed., 144p., 2005.

CARVALHO, I.C. de M. *Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico*. São Paulo: Cortez, 6ªed., 256p., 2012.

CONFERÊNCIA DAS NAÇÕES UNIDAS SOBRE MEIO AMBIENTE HUMANO. DECLARAÇÃO. Estocolmo, 1972.

CONFERÊNCIA INTERGOVERNAMENTAL DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL. RECOMENDAÇÕES. Tbilisi, 1977.

CONFERÊNCIA DAS NAÇÕES UNIDAS SOBRE DESENVOLVIMENTO E MEIO AMBIENTE. PLATAFORMA DE AÇÃO, CAPÍTULO 24. Rio de Janeiro, 1992.

CONFERÊNCIA DAS NAÇÕES UNIDAS SOBRE MULHER, DESENVOLVIMENTO E PAZ, IV. DECLARAÇÃO E PLATAFORMA DE AÇÃO. Pequim, 1995.

GARCIA, S.M. Desfazendo os vínculos naturais entre gênero e meio ambiente. *Revista de Estudos Feministas*, Rio de Janeiro, v.0,n.0, p.163-68,1992.

MEYER, D.E. Teorias e Políticas de Gêneros: fragmentos históricos e desafios atuais. Brasília (DF): *Rev. Bras. Enferm.*, nº 57, v.1, p.13-18, jan-fev. 2004.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria de análise histórica. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v.20, n. 2, p. 71-99, 1995.